

Interação social, dinheiro e sociabilidade no universo da prostituição feminina: ressonâncias Simmelianas¹

Fábio Lopes Alves

RESUMO: O presente texto discute a dinâmica interacional entre garotas de programas e clientes, a partir de duas questões centrais para a sociologia de Georg Simmel (1858). De um lado, discorre sobre a pertinência da utilização dos conceitos de interação e sociabilidade para análise do universo prostitucional. De outro, analisa a função desempenhada pelo dinheiro, sobretudo, em seu aspecto simbólico, relacionando-o com a banalização da violência de gênero.

PALAVRAS CHAVE: Interação; Dinheiro, Prostituição

ABSTRACT: This paper discusses the dynamic interaction between customers and girls programs from two central questions for sociology of Georg Simmel (1858). On one hand, discusses the appropriateness of the concepts of interaction and sociability for analysis of the universe prostitucional. Another examines the role played by money, especially in its symbolic aspect, relating it to the trivialization of gender violence.

KEY-WORDS: Interaction, Money, Prostitution

INTRODUÇÃO

A presente discussão se apresenta em torno de duas questões consideradas centrais para Georg Simmel (1858), que em suas elaborações conceituais oferece uma verdadeira “caixa de ferramentas” para se refletir e analisar as dinâmicas próprias da prostituição feminina². De um lado, discorre sobre os usos e possibilidades dos conceitos de interação e sociabilidade no universo prostitucional. De outro, analisa a função desempenhada pelo dinheiro, sobretudo, em seu aspecto simbólico, na interação entre garota de programa e cliente.

Para tal, o texto encontra-se estruturado da seguinte maneira: inicialmente faz a distinção simmeliana entre forma e conteúdo no âmbito da interação. Num segundo momento, trata-se de esclarecer as diferenças entres os conceitos de interação e sociabilidade. Por fim, analisa o aspecto simbólico do dinheiro e seu poder mediador na interação entre garota de programa e cliente. Para ilustrar a discussão, há um relato etnográfico de uma situação mediada pelo dinheiro, entre cliente e garota de programa, ocorrida em determinada noite numa zona de meretrício. Sobre essa pesquisa etnográfica vide: (ALVES, 2010).

A INTERAÇÃO SOCIAL ENTRE FORMA E CONTEÚDO

Em sua análise sociológica Georg Simmel compreende a sociedade como o significado da soma dos indivíduos em interação, onde ela é distinguida em duas diferenciações básicas: *forma* e *conteúdo*. Dessa postura intelectual decorre outra caracterização que é o fato de a interação se constituir a partir de dois objetivos centrais, a saber: *determinados impulsos* ou em *busca de certas finalidades*.

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros (SIMMEL, 2006, p.59-60).

Dessa maneira, os indivíduos que possuem os impulsos acima elencados, acabam por formar uma unidade. E é esta unidade que é entendida como sociedade para esse filósofo.

Ora, se a sociedade deve ser refletida a partir do binômio *forma* e *conteúdo*, pensemos na distinção entre ambos. Na definição do entendimento do *conteúdo* da sociação, Simmel alude que, o conteúdo da sociação, é tudo o que existe no indivíduo, tais como: impulsos, interesses finalidades, tendências entre outros. Isto é, conteúdo seria tudo aquilo que se encontra presente no indivíduo cujo

objetivo consiste em causar ou mediatizar os efeitos sobre o outro, ou então, receber esses efeitos dos outros (SIMMEL, 2006, p. 60).

Ocorre que o conteúdo por si só, não faz nenhum sentido para sociação, isto é, a interação. Estes por sua vez, só passarão a fazer parte da dinâmica interacional quando deixarem de serem meros conteúdos individuais, isolado do indivíduo, e se transformarem em *formas* de estar com o outro, ou ser com o outro em determinada sociação, cujo entendimento é:

A sociação é, portanto, a *forma* (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros ou teleologicamente determinados – se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (SIMMEL, 2006, p. 60).

Em síntese, percebe-se que a interação se constitui na *forma* como os determinados impulsos, sentimentos e desejos, aqui entendido por *conteúdo*, que estão no indivíduo, são realizados à medida que este, por sua vez, sai da individualidade em busca de certas finalidades cujo objetivo consiste em se sociar com o outro num universo de diversas possibilidades.

Até aqui discutimos algumas noções centrais do processo de sociação. O ponto de chegada será o conceito de sociabilidade. No entanto, não se pode avançar para esse conceito sem antes ter esclarecido a função da autonomização dos conteúdos interacionais.

É levando em consideração nossas carências, condições, vontades e inteligência, que organizamos o material abstraído desse mundo. A *forma* que iremos dar a esse material está intrinsecamente relacionada ao nosso propósito, isto é, *conteúdo*. E é somente a partir da *forma* elaborada pelo indivíduo que esse material passará a ser utilizado. Em sendo assim, haverá uma relação de autonomia, onde os interesses que até então estavam aprisionados no interior do indivíduo, são liberados. À guisa de exemplificação dessa autonomização, Simmel ilustra com a seguinte passagem:

Por exemplo, todo o conhecimento parece ter um sentido na luta pela existência. Saber o verdadeiro comportamento das coisas tem uma utilidade inestimável para a preservação e o aprimoramento da vida. Mas o conhecimento não é mais usado a serviço dos propósitos práticos: a ciência tornou-se um valor em si mesma. Ela escolhe seus objetos por si mesma, modela-os com base em suas necessidades internas, e nada questiona para além de sua própria realização (SIMMEL, 2006, p. 61).

Nessa esteira, Simmel esclarece, ainda, que esse exemplo também se opera

no jogo, à medida que os impulsos da vida, isto é, *conteúdo*, produz a *forma* de nosso comportamento desejável ao jogo. Tal situação acaba por conferir ao jogo tanto sua alegria quanto seu significado simbólico, tornando-o diferente da pura diversão (SIMMEL, 2006, p. 63). Percebe-se então que as formas possuem também um domínio autônomo em relação a sua criação. E é dessa autonomização entre a origem da forma e seu significado final, no qual mais adiante voltarei a discussão, que decorre a conceituação de sociabilidade. Por isso sua definição também deve ser analisada a partir do binômio *forma e conteúdo*.

OS DEZ MANDAMENTOS DA SOCIABILIDADE

Seria possível, considerando os objetivos propostos por este texto, apenas conceituar, de forma direta, o entendimento de interação e sociabilidade para Georg Simmel, sem nenhum prejuízo ao leitor. No entanto, aproveitando a “empreitada”, há um objetivo, lateral às questões centrais dessa discussão, que consiste em desfazer uma ampla confusão que constantemente tem sido realizada, tanto no universo acadêmico, quanto fora dele, que é o de tomar os termos interação e sociabilidade como se um fosse sinônimo do outro. Ou senão, no máximo, como se fosse algo parecido, sem ter uma distinção nítida. Inicialmente, é essa tendência que o texto combate.

Por isso, antes de adentrarmos na discussão sobre a contribuição de Simmel para análise da prostituição, cuida-se de elaborar, aquilo que denominamos como, os dez mandamentos da interação. Assim, a cada mandamento, será distinguido o que se entende por interação e o que se entende por sociabilidade, de forma a tornar clara as diferenças entre um e outro, na tentativa de mostrar a distância que os separam.

Como vimos, a sociedade, nas lentes simmelianas, consiste na interação entre os indivíduos. As formas nas quais o estar com o outro, para o outro ou contra o outro, aqui entendida como interação, ganham vida própria podendo se enquadrar, ou não, na definição de sociabilidade. No entanto, é preciso esclarecer que o mero fato de estar com o outro, para o outro ou contra o outro, por si só, não consiste em sociabilidade. Para alcançar essa forma, mais elevada de interação, é preciso cumprir outros requisitos que, abaixo, serão vistos com mais afinco que, metaforicamente foi adjetivado como mandamentos.

I. De início, para haver sociabilidade, é preciso que haja a autonomização na interação entre quem está em sociação. Por autonomização entendemos o ato de se liberar de determinados laços das realidades da vida. Tal como um jogo se esvazia da vida à medida que passa a ser um mero entretenimento.

O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra com os quais os conteúdos e interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais, **esse é justamente o fenômeno da sociabilidade** (SIMMEL, 2006, p. 64).

2. Sabe-se que interesses e necessidades individuais, *conteúdos*, fazem com que indivíduos se juntem. Isso por si só, se configura numa interação, ou seja, sociação. No entanto, para que tal vinculação se converta em sociabilidade é preciso que esses indivíduos além de estarem sociados por interesses específicos, se relacionem em função de um “sentimento e por uma satisfação mútua de estarem socializados”. Numa relação em que a sociabilidade consista numa derivação da interação. Dito de outro modo, para que a relação seja de sociabilidade é preciso que ambas as pessoas que estejam envolvidas, sintam o prazer nessa sociação. Caso, somente alguns tenham esse sentimento em detrimento de outros, essa união não será nada mais que uma interação.

3. Outro ingrediente da sociabilidade consiste no ato dos indivíduos apreciarem o puro processo de sociação em si, sem nenhum outro objetivo que não seja o de estar sociado. “O “impulso de sociabilidade” extrai das realidades da vida social o puro processo de sociação como um valor apreciado, e através disso constitui a sociabilidade no sentido estrito da palavra” (SIMMEL, 1983, p. 169).

4. A sociabilidade, em oposição ao racionalismo que pode estar presente na interação, se desvencilha da realidade da vida social à medida que se poupa de determinados atritos e ocupa um papel simbólico na vida de alguns indivíduos.

A sociabilidade se poupa dos atritos por meio de uma relação meramente formal com ela. Todavia, quanto mais perfeita for como sociabilidade, mais ela adquire da realidade, também para os homens de nível inferior, um papel simbólico que preenche suas vidas e lhes fornece um significado que o racionalismo superficial busca somente nos *conteúdos* concretos (SIMMEL, 2006, p. 65).

Decorre desse desvencilhamento da realidade, o entendimento da sociabilidade como a forma lúdica de sociação. No entanto, prefiro utilizar o termo “autônomo” como sinônimo de lúdico pela razão que passo a explicar. Na tradução para a língua portuguesa encontramos a seguinte passagem: “como categoria sociológica, designo assim a sociabilidade como a forma lúdica de sociação. Sua relação com a sociação concreta, determinada pelo conteúdo, é semelhante à relação do trabalho de arte com a realidade” (SIMMEL, 1983, p. 169).

Já que o autor relaciona o conceito de sociabilidade à relação da arte com a realidade, é necessário, de igual modo, precisar o entendimento dessa associação. Ao fazer a analogia entre arte e jogo Simmel afirma que “tanto na arte como no jogo, as formas que se desenvolveram a partir da realidade da vida criaram seu domínio autônomo com relação a realidade” (SIMMEL, 2006, p. 63).

Isto é, a cada vez que arte e jogo se autonomizam da vida, estes por sua vez se tornam entretenimento. Acresce-se ainda, ao fato de em várias traduções brasileiras, haver um subtítulo denominado como “A sociabilidade como a forma *autônoma ou lúdica* de sociação”. Ou seja, há na própria tradução a utilização de um sinônimo. Em face ao exposto, e por entender que autônomo é mais abrangente que lúdico, ao remeter ao ato de desvencilhar é que compreendo “a sociabilidade como a forma autônoma de sociação”.

5. Aspectos da irrealidade. Uma das diferenças entre a interação e a sociabilidade é que somente nesta, qualquer problema por maior que seja “chega a uma solução” em que não é possível em nenhum outro lugar em função de sua autonomização ou desvencilhamento da realidade (SIMMEL, 2006, p. 65).

6. A sociabilidade não possui em si mesma, nenhuma finalidade objetiva, além do interesse em estar sociado. Ou seja, ela depende exclusivamente das personalidades entre os quais ela ocorre, em que não se deve buscar nada além da satisfação daquele instante. Onde o que interessa é apenas o sucesso do momento sociável. Como consequência, as condições e os resultados do processo de sociabilidade são exclusivamente das pessoas que se encontram em sociação, numa situação em que a sociabilidade permanece limitada aos seus participantes (SIMMEL, 2006, p. 66).

7. Na sociabilidade é preciso que o indivíduo exerça uma auto-regulação. Em sua relação com os outros se torna necessário que nenhum interesse egoísta assuma a função reguladora.

8. Decorre do mandamento acima, o fato de que na sociabilidade as significações individuais que tem seu foco fora do círculo sociado não entram no processo de sociabilidade. “Assim, esse caráter objetivo, que gira em torno da personalidade, precisa se separar de sua função como elemento da sociabilidade” (SIMMEL, 2006, p. 67). Por isso, aquilo que representa as características individuais da pessoa, tais como: caráter e humor, por exemplo, não pode possuir nenhuma função na dinâmica da sociabilidade, pois nesta ocorre uma verdadeira exclusão dos elementos pessoais do indivíduo. Simmel ilustra essa situação ao relatar que:

Assim, por exemplo, num encontro intimamente pessoal e afável com um ou vários homens, uma senhora não pode aparecer com uma roupa sumária que usa sem qualquer embaraço numa festa mais concorrida. A razão é que na

festa ela não se sente envolvida como um indivíduo na mesma extensão em que se sente numa reunião mais íntima, e pode, por isso dar-se ao luxo de se abandonar à liberdade pessoal de uma máscara: embora sendo *apenas* ela mesma, não é, entretanto, totalmente ela mesma, mas somente um elemento de um grupo que se conserva formalmente (SIMMEL, 1983, p. 171).

9. O homem é em si mesmo um animal dinâmico. Ele se constrói alternadamente de acordo com sua motivação e relações cotidianas. Essa é a situação que Simmel entende por elaboração construída *Ad Hoc*, em que o material da vida é determinado por uma ideia individual e moldado numa de forma particular. É dessas amarras que ele precisa se liberar para entrar em sociabilidade. Ele se livra de qualquer significado material da personalidade para entrar de maneira sociável apenas com as capacidades, os estímulos e interesses de sua humanidade pura (SIMMEL, 2006, p. 68).

10. No tocante ao comportamento da pessoa, a discrição, é outra condição necessária para existência da sociabilidade no tocante ao comportamento de uma pessoa em relação à outra. Sua violação provoca a adulteração da sociabilidade. “A discrição é imprescindível com relação a si mesmo, porque sua infração faria com que, em ambos os casos, a forma sociológica artificial da sociabilidade degenerasse em um naturalismo sociológico (SIMMEL, 2006, p. 68). É nesse ponto que reside o limite da sociabilidade³. A transposição desse limite ocorre quando os indivíduos entram em interação originada por propósitos e interesses objetivos, em que o fator pessoal e subjetivo aparece sem qualquer restrição. Nas situações dessa natureza, o que ocorre é uma forma de interação, mas não de sociabilidade, em função do não cumprimento dos requisitos acima elencados para a existência da sociabilidade. À medida que os indivíduos se integram em função de determinados interesses e propósitos “em ambos os casos a sociabilidade deixa de ser o princípio formativo e central de suas sociações e se torna, no melhor dos casos, uma conexão formalista e superficialmente mediadora” (SIMMEL, 1983, p. 171).

É em função dos critérios acima expostos, que estabelecem os limites da sociabilidade é que entendemos que, na zona de meretrício, nas relações envolvendo clientes e garotas de programa, numa interação mediada pelo dinheiro, não há a existência de relações de sociabilidade como defendeu Georg Simmel, por parte da garota de programa. Mas, apenas de interação na qual o interesse sexual por parte do cliente, e o interesse financeiro por parte da meretriz, se constituem no *conteúdo* da sociação, que possui sua *forma* numa relação mediada pelo dinheiro. Nesses espaços as transposições dos limites da sociabilidade ocorrem quando os indivíduos entram em interações originada por propósitos e interesses objetivos, em que o fator pessoal e subjetivo aparece sem qualquer restrição. À medida que

os clientes e prostitutas se integram em função de determinados interesses e propósitos “em ambos os casos a sociabilidade deixa de ser o princípio formativo e central de suas sociações e se torna, no melhor dos casos, uma conexão formalista e superficialmente mediadora. Em função de não haver sociabilidade quando a garota de programa se faz companhia para o cliente o que presenciamos é uma relação totalmente impessoal, mas simulada de sociabilidade.

O ASPECTO SIMBÓLICO DO DINHEIRO E SEU PODER MEDIADOR NA INTERAÇÃO: A BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM CONTEXTO

Na sociedade capitalista o “dinheiro confere, por um lado, um caráter impessoal, anteriormente desconhecido, a toda atividade econômica, por outro lado, aumenta, proporcionalmente, a autonomia e a independência da pessoa” (SIMMEL, 1998, p. 24). Essa é uma das funções assumidas pelo dinheiro numa interação entre prostituta e cliente. De um lado, por mais que no jogo do “faz de conta” há uma simulação de relação de afetividade, interesse, amizade, isto é, um caráter pessoal, o pano de fundo dessa relação não passa da impessoalidade onde o “faz de conta” constitui a performance desempenhada em que a meretriz exerce o papel de namorada, esposa, amante, entre outros com dois objetivos previamente estabelecidos: agradar o cliente e receber por isso. O caráter da impessoalidade se manifesta, por exemplo, tão logo ao término do encontro. Mesmo tendo passado diversos momentos juntos, essa impessoalidade se manifesta à medida que o cliente retorna ao ambiente, mas, para poder interagir com as meninas, precisará novamente, dispor do seu dinheiro para simular uma pessoalidade. De igual modo, apresenta-se aqui, o sentido da liberdade que o dinheiro estabelece. Em não havendo o interesse da meretriz em atender o cliente ela se sentirá livre para recusar esquivando-se dele, numa demonstração de desprezo e desconhecimento.

É o papel desempenhado pelo dinheiro que possibilita inúmeras sociações na zona de meretrício, que só ocorrem mediante pagamentos monetários. Para a prostituta, o dinheiro assume o caráter objetivo puro nas atividades de sociação, propiciando o interesse em estar sociado. É justamente a ausência de pessoalidade e interesse que confere ao dinheiro um caráter mediador, gerando um elo de interesses na sociação. Essa sedução causada imediatamente desaparece quando o dinheiro não faz parte da mediação interacional.

Aquele caráter impessoal e não colorido, que é típico para o dinheiro em oposição aos outros valores específicos, tem de se reforçar continuamente ao longo da história cultural, na medida em que o dinheiro tem de substituir mais e mais coisas cada vez mais variadas. É exatamente esta ausência

de um caráter específico que tornou possíveis os seus serviços imensos, gerando uma comunidade ativa de indivíduos e grupos que normalmente insistem na sua separação e distancia mútua em todos os outros aspectos. Forma-se então, um novo fio condutor para os conteúdos de vida que podem ser sociados (SIMMEL, 1998, p. 25).

No universo da prostituição o dinheiro possibilita a aquisição de determinados objetos que de outro modo, seria impossível ou mais demorado. Ele diminui a distância da conquista de determinados interesses.

A posição central que o dinheiro assume por meio do crescimento enorme do círculo de objetos alcançáveis por ele irradia a sua influência em vários traços característicos da vida moderna. O dinheiro abriu, para o homem singular, a chance à satisfação plena de seus desejos numa distância muito mais próxima e mais cheia de tentações. Existe a possibilidade de ganhar, quase com um golpe só, tudo que é desejável (SIMMEL, 1998, p. 24-5).

Na lógica da interação o dinheiro assume um caráter facilitador à medida que uma sociação fundamentada em desejos por vezes antagônicos entre si, mas que dado a sua presença as diferenças pessoais são minimizadas e justificadas em função das relações de poder exercida por quem o possui. Acresce-se ainda o fato de as diferenças individuais na interação não estarem em primeiro plano, pois o dinheiro permite ao seu possuidor o alcance de objetos e realizações pessoais. Com isso, dado ao seu valor mercantil ele se torna um alvo incondicionado por parte da meretriz, como um fim em si mesmo, enquanto para o cliente ele representa a possibilidade de estar sociado com determinadas mulheres que de outra forma não seria possível.

As coisas são amoladas e alisadas, falando metaforicamente, na medida em que encontram o seu valor correspondente num meio de troca totalmente descolorido, solto qualquer caráter definido e específico. Diminuem-se as suas superfícies de atrito no decorrer de um processo de compensação/igualização (SIMMEL, 1998, p. 39).

“No pagamento em dinheiro, a personalidade não se dá mais a si mesma, mas sim a algo totalmente abstrato e livre de toda relação interna com o indivíduo” (SIMMEL, 1998, p. 29). Por isso ele é central na interação em que ela não ocorre em si mesma pelo prazer de estar sociado, mas de maneira totalmente livre da relação de personalidade com o cliente onde a única finalidade é o dinheiro. O mero conhecimento do momento assume lugar no jogo do faz de conta, de um ideal de amizade ou relacionamento afetivo entre duas pessoas de maneira que, não fosse a presença do dinheiro esta relação sequer teria se iniciado.

O poder gerado pelo do dinheiro, tem sido a força motriz que mantém essa atividade em funcionamento gerando um “jogo do faz de conta” permitindo, inclusive, que crimes e violência, como a de gênero, por exemplo, sejam banalizados e descriminalizados, em nome do valor mercantil recebido. Essa é uma relação em que, o cliente “faz de conta” que não agrediu, à medida que paga para exercer determinadas formas de violência e a garota “faz de conta” que não foi agredida. No entanto, as marcas dessa violência estão tanto em seu corpo quanto em sua memória.

Em uma noite de sábado,⁴ Camila enquanto retocava a maquiagem em frente ao espelho do corredor central, é abordada por Gênê – proprietária do cabaré - que lhe informa sobre a presença de Denis e descreve sua tara sexual, que é dar tapas no rosto da mulher, mas que paga muito bem por isso. A sugestão de Camila é que indique o cliente para a Tamires, pois ela já o atendeu em diversas outras ocasiões e estaria acostumada com os tapas. Porém, a garota indicada estava no quarto fazendo outro programa. Por falta de alternativa acrescido da motivação financeira, tendo em vista que, em determinadas ocasiões Denis pagou até seis vezes mais que o valor normal do programa por causa da tara que possui, Camila não hesita a indicação e decide atendê-lo.

Nessa noite, eu estava no cabaré, pois após o fechamento da casa, havíamos combinado de irmos ao baile, ocasião em que, meu carro estaria a disposição para levar as garotas. Percebi que Denis conduz Camila imediatamente para o quarto, sem fazer a famosa sala. Geni comenta comigo que essa atitude se dá em função de seu extinto machista. Ele não gosta de conversar e interagir no salão, só faz isso no quarto. Passado vinte minutos, enquanto limpava as mesas dos fundos, vejo Camila sair chorando em direção ao próprio quarto com o rosto todo vermelho. Percebi que algo de anormal havia acontecido. Pedi se poderia acompanhar. A resposta foi positiva. Dado o visível estado de nervosismo da garota que acabado de fazer um programa, pedi se, somente naquele momento, ela permitiria que eu gravasse uma rápida conversa, para entender o que estava acontecendo. Novamente recebo autorização para isso. Fui ao carro peguei o gravador e voltei para o quarto de Camila. Minha primeira pergunta foi: “o que aconteceu no quarto com você que seu rosto está todo vermelho?” A resposta segue abaixo. Trecho este que optei por deixar na íntegra, para que o leitor possa sentir a emoção mais próxima possível da que experimentei, diante de mais uma violência de gênero, legitimada e “descriminalizada”⁵ pelo dinheiro, que permitiu pouca ou quase nenhuma forma de resistência. Faço o registro da dificuldade que tive na transcrição tendo em vista que os constantes soluços, misturados ao choro, tornaram a voz da entrevistada trêmula. Assim, ao invés de falar por ela, deixo que ela fale por si mesma.

Eu sabia que o Denis gostava de bater. Mas achava que era tapa, tapinha. Eu

nunca tinha dado pra ele. Aí lá no quarto eu virava o rosto de um lado e pá um tapa, virava do outro e pá outro tapa! Aí eu pensava: "bate seu filho da... bate pode bater". E ainda tinha de falar que estava bom, que eu estava gostando. Tem base um trem desse...

Ele me viu chorando e perguntou: "Você está chorando?"

- "não, não é suor". E meu olho estava todo inchado. Ele não podia ver que eu estava chorando. Eu chorava passava a mão no rosto e pensava, "beleza né, fazer o quê?"

Ele perguntou se estava doendo. Eu tive de dizer: "não! Está ótimo." Ele não aceita ser contrariado.

Aí eu pedi pra ele: "pode bater em qualquer lugar. Mas por favor proteja minha boca. Não acerta minha boca". A única coisa que eu pedi: "minha boca não!" Se acertasse a boca além de doer ia machucar. Já pensou eu ficar com a boca toda machucada.

Ele "falou tá bom!"

Ali a mulher pode apanhar. Não pode sentir dor. Pode levar cacetada.

Hôô... se você imaginasse os tapas, só de imaginar que lá do lado de fora não tinha como ninguém perceber, por causa do som alto. Eu chorei. Dentro do quarto eu chorei. E só se ele for muito burro pra não perceber que eu chorava. Aí eu trancava o rosto e falava: "bate!" Não tinha como falar que estava doendo, sabe?. Aí um tapa, pá. O outro pá. Aí eu trancava o rosto e falava: "vai... vai...bate... pelo amor de Deus, mais rápido!" (eu pensava: "bate logo para ir mais rápido e eu ficar livre logo").

Ele deu cada tapa... professor de Deus? Pensa num tapa de um homem, sabe? Na bruta? Pá! Você tinha de virar a cara. E pá! Você tinha de virar a cara de novo. Ai eu olhava e falava: "nossa Denis, calma!" Ele disse: "não! Você sabe que eu sou assim. Eu to pagando!" Não tem explicação não. Ele faz o que ele quer. Aí ele batia só no rosto e nas pernas. Eu colocava os joelhos próximo ao meu peito e ele batia. Era cada tapa, professor de Deus, era a mesma coisa de estar apanhando de um pai.

Nossa mais doía. Meu Deus do céu. Fiquei toda marcada.

Aí terminou e eu pensei: como é que vou sair lá fora, assim toda marcada. Aí ele falou: "vamos lá comigo acertar a conta." Eu falei: "pode ir lá. Vai lá você." Eu tive de vir aqui pro meu quarto me arrumar, passar uma maquiagem uma base para esconder as marcas e estar pronta para o próximo programa.

Essa situação se configura naquilo que Pierre Bourdieu (1999) considerou como *ser percebido*, no qual a garota não teve plena autonomia de seu corpo, mas antes sofreu uma forma de dominação masculina legitimada e descriminalizada pela disposição em recompensá-la financeiramente. Isso é tão impactante que, mesmo contrariando os princípios da garota de programa, o dinheiro gerou a aprovação do ato de violência pela própria dominada. Nessa forma de se legitimar a violência a profissional do sexo se insere numa relação de dependência em que

ela, existe primeiro pelo e para o olhar dos outros.

Teve uma vez que eu tinha bebido com o cliente, eu tinha 16 anos. E ele era doido por causa de mim, só que ele tinha um olhar meio perigoso, aí ele falou assim pra mim, era a noite já. Ele falou, "vou embora", e eu falei, então tá, tchau. Ele foi embora e eu fui atender outro cliente, e ele cismou e voltou pra trás, porque ele já estava gostando de mim, e pensou "vou voltar pra aquela vagabunda porque ela deixou eu ir embora sem falar nada, se ele não pediu pra eu ficar é porque ela vai dá pra outro". E ele já estava com ciúme. O que aconteceu ele chegou na boate, me jogou uma copada de cerveja na minha cara e me deu um "surdão" e nisso a hora que ele chegou ele entrou com o carro dentro da boate. A hora que eu vi ele, eu cheguei gelar. Pensa num surdão bem dado. Doeu. E o que eu fiz. Sai e fui no banheiro, tomei banho vesti um vestidinho vermelho bem curtinho e ele falou, "o que você vai beber?". Campari. "Desce um litro pra ela". Desceram o litro e eu bebi com ele. E continuei com ele. Mas ele gastou m dinheiro comigo nesse dia. Aquele tapa na orelha ficou caro no bolso dele. (Raíssa)

Nesse sentido, além de legitimar a violência de gênero, o dinheiro assume uma característica simbólica a ponto de fazer com que, algumas garotas, não levem em consideração o tapa que acabara de receber, e voltem a interação como se nada tivesse acontecido, tendo a sensação de que quem esteve no lucro, diante desse infortúnio, foram elas à medida exigem mais recompensa financeira pela companhia prestada.

CONCLUSÃO

Verifica-se dessa maneira que o dinheiro alterou substancialmente as relações entre homens e mulheres. Essa é apenas uma das características de nossa época. A partir da discussão do dinheiro e sua relação com a prostituição é possível perceber como o dinheiro permite a existência de uma sociação, que, de outro modo, sem a presença dele não seria possível. Ao refletir sobre esses aspectos referentes a relação estabelecida entre garota de programa e cliente, mediada pelo aspecto mercantil, verifica-se que o próprio dinheiro se transformou em nossa sociedade num elemento mediador de interações, sobretudo, no universo da prostituição em que permite o estabelecimento de trocas que por vezes ultrapassa o fenômeno puramente econômico ao criar dinâmicas próprias de interação e sociabilidade.

Nas interações que ocorrem no cabaré o dinheiro aparece como ponto fulcral, objetivo máximo do encontro para a prostituta, em que trocar sexo por dinheiro justifica a entrada e permanência nessa atividade. Essa relação do sexo

mercantilizado permite pensar não apenas a zona de meretrício, mas a sociedade em geral, pois como Simmel pregava, é possível encontrar o universal no singular, ao mesmo tempo ver o individual no universal. Por isso, dado as relações estabelecidas os fragmentos que por vezes parecem de pouca significância nos permitem pensar o mundo a partir deles. São esses cotidianos “pequenos” que também nos permitem compreender os mais amplos. Logo, refletir sobre as interações e sociabilidades sustentada e elaborada através do dinheiro no cabaré, significa pensar sobre a vida moderna e suas relações e formas de sociação.

NOTAS

¹ Essa discussão é um fragmento modificado de um tópico do primeiro capítulo do livro: “ALVES, Fábio Lopes. **Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício**. São Paulo: Arte&Ciência, 2010. Publicação escrita originalmente como dissertação de mestrado em Ciências Sociais e defendida junto a Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

² Sobre essa generificação é importante esclarecer que foi posta por mim, tendo em vista que, por ora, tratarei de olhar para as mulheres que atuam nessa atividade. No entanto, as contribuições simmelianas estão para além das questões de gênero, não se limitando ao feminino ou masculino.,

³ Dependendo da tradução utilizada será mencionado como “onda de sociabilidade” ou “limiares de sociabilidade”.

⁴ O descrição que segue, é fragmento de um relato obtido através de uma etnografia realizada em uma zona de meretrício, no qual o problema de investigação foi compreender como ocorrem as interações entre clientes e garotas de programa. Sobre esse assunto vide: (ALVES, 2010).

⁵ Utilizo o termo descriminalizado entre aspas, em função de a atitude tomada pelo cliente se constituir em um crime, devidamente amparado pela Lei Maria da Penha. No entanto, no universo da prostituição à medida que você externaliza a vontade de bater e se dispõe a recompensar financeiramente a pessoa agredida, com um valor acima da média, esse ato, internamente, deixa de ser crime.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Fábio Lopes. **Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício**. São Paulo: Arte&Ciência, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal. In: _____. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: EdUnb, 1998.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). **Georg Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Col. Grandes Cientistas Sociais, vol, 34)